

Afetos e percepções de idosos universitários acerca do mercado de trabalho na velhice

*Affects and perceptions of university students about the
labor market in Old Age*

*Afectos y percepciones de los ancianos universitarios
acerca del mercado de trabajo en la vejez*

Juliana Fernandes-Eloi
Marina Duarte Ferreira Dias
Tainara Rodrigues Teixeira Nunes
Angélica Maria de Sousa Silva

RESUMO: Este estudo objetivou compreender os sentimentos e emoções vividos por estudantes universitários em processo de envelhecimento diante da possibilidade de reinserção no mercado de trabalho. Para tanto, em caráter exploratório, utilizou-se o método dos mapas afetivos em pessoas com idade que variavam entre 51 a 71 anos de idade. Os resultados apontam a vivência da velhice sendo potencializada nos diversos espaços em que se insere, e que se pode considerar que as relações interpessoais são importantes para a qualidade de vida pessoal e profissional dos idosos. Contudo, ainda se percebe o estigma frente a pessoa idosa, promovendo uma visão distorcida e preconceituosa do que seja a velhice.

Palavras-chave: Velhice; Mercado de trabalho; Mapas afetivos.

ABSTRACT: *This study aimed to understand the feelings and emotions experienced by university students in the process of aging facing the possibility of reintegration into the labor market. For this purpose, the method of affective maps was used in an exploratory character in people with ages ranging from 51 to 71 years of age. The results point out the experience of Old Age being potentiated in the various spaces in which it is inserted, and that interpersonal relationships can be considered to be important for the personal and professional quality of life of the elderly. However, stigma is still perceived in the elderly, promoting a distorted and prejudiced view of Old Age.*

Keywords: *Old Age; Labor market; Affective maps.*

RESUMEN: *Este objetivo comprender los sentimientos y emociones vividos por estudiantes universitarios en proceso de envejecimiento ante la posibilidad de reinserción en el mercado de trabajo. Para ello, en carácter exploratorio, se utilizó el método de los mapas afectivos en personas con edad que variaban entre 51 y 71 años de edad. Los resultados apuntan a la vivencia de la vejez siendo potencializada en los diversos espacios en que se inserta, y que se puede considerar que las relaciones interpersonales son importantes para la calidad de vida personal y profesional de los ancianos. Sin embargo, aún se percibe el estigma frente a la persona mayor, promoviendo una visión distorsionada y preconcebida de lo que es la vejez.*

Palabras clave: *Vejez; Mercado de trabajo; Mapas afectivos.*

O envelhecimento e a transição demográfica no mundo

Nas últimas décadas, o mundo tem passado por uma mudança etária, observando-se uma intensa redução de natalidade e um aumento considerável na expectativa de vida da população (Pereira, 2019). Como consequência, o número de idosos vem crescendo rapidamente, inclusive nos países mais pobres, fator que gera a necessidade de aprofundar os estudos sobre as implicações e mudanças decorrentes dessa transição demográfica que ocorre no mundo. Estima-se que, em 2050, o número de idosos atinja 2 bilhões de pessoas, dentre eles, 80% oriundos de países em desenvolvimento (Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS], 2018).

A Europa, de forma mais geral, buscou compreender o envelhecimento e suas especificidades a partir de suas próprias transições socioeconômicas. A França, por exemplo, passou a discutir os processos de envelhecimento de forma mais elaborada, interessando-se pelo tema antes mesmo que o elevado número de idosos fosse considerado um problema social (Goldenberg, 2008). Fenômeno este que revela o quanto a França dispôs de cerca de 150 anos para se adequar ao fato de 20% da sua população ser constituída por idosos, e que por outro lado, países como China, Índia e Brasil terão apenas vinte anos para se ajustar de modo efetivo a essa mesma realidade percentual (OPAS, 2018).

No Brasil, somente nos últimos anos as discussões sobre envelhecimento têm recebido mais atenção (Goldenberg, 2008). É a partir da década de 1960, que as ciências sociais e humanas conseguiram intervir, de modo pioneiro, nos contextos que problematizavam o envelhecimento (Veras, & Oliveira, 2018). A partir dessa década se constatou que o aumento da qualidade de vida experimentada pelos brasileiros iria resultar em um maior prolongamento da vida.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-Contínua) - Características dos Moradores e Domicílios, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentou que o número de brasileiros com mais de 60 anos cresceu 18% em apenas cinco anos e ultrapassou a faixa dos 30 milhões de idosos em 2017, tornando a população mais velha cada vez mais representativa no país (Paradella, 2018).

Como consequência da população que vive mais e, portanto, envelhece mais, surge a necessidade de compreender o que se entende por envelhecer. Desse modo, percebe-se o envelhecimento como um processo heterogêneo, decorrente de uma combinação de fatores e influenciado por diversas causas (Araújo, Sá, & Amaral, 2011). Além disso, esse processo é permeado por aspectos subjetivos dos indivíduos, assim como produzido e influenciado pelo contexto em que estão inseridos. Ou seja, no processo de envelhecimento ocorre uma série de diferenciações na vivência, observando-se que

Essas variações são dependentes de fatores como estilo de vida, condições socioeconômicas e doenças crônicas. Já o conceito “biológico” relaciona-se com aspectos nos planos molecular, celular, tecidual e orgânico do indivíduo, enquanto o conceito psíquico é a relação das dimensões cognitivas e psicoafetivas, interferindo na personalidade e afeto. Desta maneira, falar de envelhecimento é abrir o leque de interpretações que se

entrelaçam ao cotidiano e a perspectivas culturais diferentes (Fechine, & Trompieri, 2012, p. 107).

Sendo assim, o envelhecimento constitui-se como um processo que atinge o ser humano em toda a sua integralidade, desde o momento em que nasce, sendo um fenômeno biopsicossocial modificador da relação do sujeito com o tempo, do seu relacionamento com o mundo e consigo mesmo (Lima, 2014). Ou seja, o envelhecimento compreende uma categoria analítica atemporal que envolve uma conjuntura biopsicossocial dinâmica e relacional entre grupos sociais e eventos econômicos e culturais.

Por conseguinte, discutir o fenômeno do envelhecimento em diferentes contextos torna-se de extrema importância e urgência, possibilitando a identificação das repercussões ocasionadas por esse processo, bem como as demandas que afetam a vida dos idosos. É o caso dos desafios e das possibilidades que os idosos enfrentam com relação ao mercado de trabalho, que incluem a permanência ou a necessidade de voltar a trabalhar, o preconceito etário, a concorrência e as relações interpessoais, entre outros fatores.

Desafios e possibilidade dos idosos no mercado de trabalho

Nos últimos anos, a força de trabalho idosa tem aumentado no Brasil. Segundo dados da PNAD-Contínua, do IBGE, são mais de 7,5 milhões de idosos que estão trabalhando, e este número está em ascendência (Verdélío, 2018). Diante disso, abre-se um leque de desafios e possibilidades para os mais velhos.

O número crescente de idosos que necessitam ou desejam continuar ativos no mercado de trabalho constitui-se uma realidade; porém, a sociedade de forma geral ainda espera que as pessoas desta faixa etária se direcionem para o desligamento do mundo do trabalho e não o contrário (Ramos, Sousa, & Caldas, 2008).

Nesse cenário, se faz necessário discutir o envolvimento das pessoas mais velhas no contexto de trabalho, para que se reduzam as questões limitadoras da inclusão ou da permanência do idoso no mercado de trabalho, tais como: preconceito, discriminação, vulnerabilidade e exclusão social (Minó, & Mello, 2019; Paolini, 2016).

Nas sociedades ocidentais, fica implícito o preconceito etário e a supervalorização da mão de obra mais jovem em detrimento da força de trabalho mais velha, muitas vezes vista como ultrapassada, menos competente e menos flexível aos avanços tecnológicos, quando comparada à dos mais jovens, o que prejudica a absorção de trabalhadores com mais idade (Goldani, 2010; Minó, & Mello, 2019). Pode-se observar um preconceito com relação aos idosos que se inserem no mundo laboral e precisam competir com pessoas mais jovens, mais valorizados pela economia, pois o mercado empregador acaba associando os idosos a um ciclo produtivo próximo do fim (Paolini, 2016).

Nesse contexto, algumas leis surgiram para amparar os idosos e criminalizar o não cumprimento de questões legais, como é o caso da Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, e reserva um capítulo para temas que abarcam a profissionalização e o trabalho, garantindo aos idosos o direito ao exercício da atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas, proibindo-se a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, exceto quando o cargo exigir.

Surge então, a necessidade de construir estratégias inclusivas específicas para pessoas mais velhas no contexto do trabalho, como informa a reportagem do *site* Agência Brasil, que mostra o fato de os idosos estarem adiando cada vez mais a saída do emprego. Na mesma reportagem, Ana Amélia Camarado - técnica de planejamento e pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que versa sobre o crescimento e acolhimento da mão de obra idosa no mundo laboral, destaca a importância de o Estado assumir seu dever e investir em programas que preparem esses idosos para o mercado, melhorando suas condições de trabalho, de saúde e de mobilidade urbana, reduzindo o preconceito e estimulando a contratação desse público pelas empresas. Segundo Ana Amélia, a necessidade de aumentar a renda familiar constitui-se um dos motivos que levam os idosos a procurarem reingressar ou permanecer no mundo do trabalho (Verdério, 2018).

Efetivamente, envelhecer no Brasil não é tarefa simples e exige muitas vezes a necessidade de atualizações subjetivas e culturais por parte do sujeito. Ao viver mais, novos panoramas sociais emergem, como por exemplo, presencia-se o crescente número de idosos nas universidades, em busca de nova formação, vinculações e expressões, mudança de comportamento e de ambientes que até bem pouco tempo destinavam-se especialmente às gerações mais jovens.

O aumento cada vez mais crescente de pessoas idosas atuantes na sociedade, principalmente no mercado de trabalho, conduz as pessoas mais velhas a enfrentarem novos desafios com vistas a estabelecerem-se em uma carreira profissional ou a reingressarem no mercado de trabalho (Lima, 2014). Desse modo, este estudo em caráter exploratório, objetivou compreender os sentimentos e emoções vividos por estudantes universitários em processo de envelhecimento diante da esperança e da possibilidade de reinserção no mercado de trabalho.

Procedimentos metodológicos

Participantes

O recrutamento dos participantes ocorreu por conveniência, observados os seguintes critérios de inclusão: ter idade mínima de 50 anos, estudar em uma universidade privada da cidade de Fortaleza, estado do Ceará, Brasil, e ter disponibilidade para participar da pesquisa. A faixa etária dos participantes variou entre 51 e 71 anos. Dentre o total, dez participantes declararam que exercem atividades remuneradas. A pesquisa contou com a participação de seis homens e sete mulheres, todos estudantes universitários, entre os quais onze cursavam Psicologia, um cursava Arquitetura e Urbanismo, e outro cursava Design de Moda.

Instrumento de Coleta de Dados

O Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA), que embasou a pesquisa, foi desenvolvido por Bonfim (2010) em sua tese de Doutorado em Psicologia Social, que objetivou investigar os afetos relacionados ao ambiente, alcançando os sentimentos e emoções dos respondentes por meio de imagens (desenhos e metáforas) e da escrita. O IGMA é um instrumento capaz de apreender como as pessoas atribuem significados, agem e se posicionam na sua relação com o ambiente (Furlani, 2007).

O instrumento possui uma parte qualitativa, que inclui o desenho, o significado do desenho, os sentimentos que o desenho desperta, as palavras-síntese e a expressão de sentimentos pela escrita; e uma parte quantitativa, composta pela escala *Likert* (Augusto, Feitosa, & Bomfim, 2016). No presente estudo, optou-se por utilizar a parte qualitativa para investigar pessoas mais velhas em contexto universitário que vislumbravam a inserção no mercado de trabalho.

O desenho é a primeira etapa do instrumento, em que se solicita do respondente a representação, por imagens (facilitando assim a expressão de suas emoções), da forma como ele observa a inserção do idoso no mercado de trabalho. Na etapa seguinte, o próprio participante realiza a interpretação, esclarecendo o significado do seu desenho. Os sentimentos relacionados ao desenho também são expressos pelo respondente, estimulando assim a elaboração dos afetos.

Em seguida, o participante da pesquisa escolhe seis palavras-sínteses, que são utilizadas para desvelar o que se encontra camuflado no conteúdo até então produzido, variáveis entre sentimentos, qualidades, substantivos e outras expressões, atingindo uma saturação de respostas esclarecedoras dos sentimentos envolvidos (Bomfim, 2008; 2010). Em seguida, as demais questões, elaboradas e direcionadas ao tema sob investigação, são respondidas no intuito de encontrar mais informações sobre a vinculação dos participantes com a ambiência de trabalho. Algumas questões orientadoras: “Caso alguém perguntasse o que você pensa sobre a sua inserção no mercado de trabalho, o que você responderia?”; “Se você precisasse fazer uma comparação entre a inserção do idoso no mercado de trabalho e qualquer outra coisa, com o que você a compararia?”; “Qual o seu objetivo quando você ingressou nessa instituição de ensino?”. Ao final do questionário, solicitou-se que o participante completasse a seguinte frase: “Para mim, o mercado de trabalho é...”.

Procedimentos de Coleta

A coleta foi realizada individualmente, em um local adequado. O tempo médio de resposta ao instrumento foi de aproximadamente 25 minutos. A cada participante foi solicitado expor em palavras o significado e o que desejou representar no desenho elaborado.

A partir de então, o respondente foi solicitado a preencher as demais questões, tomando como base seus sentimentos e emoções relacionados ao ambiente do mercado de trabalho e à instituição em que cursa a graduação.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da instituição em que se realizou a pesquisa, esclarecendo-se os estudantes participantes sobre seu objetivo e sua importância.

Após a explicação solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa.

Análise de Dados

Ao final do processo de coleta, os dados obtidos foram tratados a partir da análise de conteúdo categorial, conforme proposto por Vázquez-Sixto (2000-2001, como citado em Bomfim, 2010), que se divide em três momentos: pré-análise (leitura sucessiva e exaustiva dos dados), codificação (fragmentação do texto e catalogação das respostas) e categorização (classificação das respostas com a finalidade de diferenciação e condensação, elaborando-se um quadro sintético voltado para a construção do mapa afetivo). Os dados coletados foram também tratados a partir da análise do subtexto, do sentido e do motivo (análise do sentido), tendo por base os estudos de Vygotsky (1991, como citado em Bomfim, 2010).

Nessa análise, procuramos ver o que era essencial e individualizamos o sentido geral, construindo uma explicação ou definição da imagem apontada pelo respondente a partir da metáfora, de forma a articular a imagem da metáfora com o sentimento e a qualidade atribuída pelo respondente ao desenho. A este processo de articulação de sentidos denominamos de construção de mapas afetivos e foi a partir dele que formamos as imagens das cidades de Barcelona e de São Paulo (...) (Bomfim, 2010, p. 152).

Na Tabela 1, que reproduz a proposta de Bomfim (2010), para a construção dos mapas afetivos, a autora define os componentes utilizados no instrumento, que foram, no presente estudo, adaptados para a ambiência do mercado de trabalho.

Tabela 1.

Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo

Categoria	Descrição
Identificação	Número identificador do participante; sexo; idade; escolaridade; cidade; tempo de residência.
Estrutura	Mapa cognitivo de Lynch: desenho, monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros. Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.
Significado	Explicação do respondente sobre o desenho.
Qualidade	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.
Sentimento	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.
Metáfora	Comparação, pelo respondente, da cidade com algo que tem como função a elaboração de metáforas
Sentido	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos).

Nota. Fonte: Recuperado de “*Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*”, de Z.A.C. Bomfim, 2010, p. 151.

Apresentação e discussão dos resultados

Elaboração e construção das imagens e dos mapas afetivos

A Tabela 2 sintetiza as qualidades e os sentimentos relacionados às imagens da ambiência do mercado de trabalho. De acordo com os sentimentos, emoções e significados que os respondentes atribuíram aos desenhos, encontraram-se seis imagens diferentes extraídas da análise de conteúdo categorial e da análise do sentido: pertencimento, vinculação, anseio, desafios e possibilidades.

Tabela 2.

Apresentação das imagens relacionadas à ambiência do mercado de trabalho, conforme as qualidades e os sentimentos dos participantes

Imagem	N*	Qualidade do mercado de trabalho	Sentimento com relação ao mercado de trabalho
Pertencimento	1, 6, 9 e 12	Vida profissional, mudança, trabalho, reinventar, contribuição, convivência, atividade, vida, projeto, ferramenta, determinação, solidariedade, utilidade, desafio, ousadia, exigente, excelente, ótimo.	Felicidade, renovação, confiança, realização, contentamento, prazer, ânimo, entusiasmo, amor, paz, empatia, autoestima elevada, boa relação consigo, alegria, segurança, segurança para a família, paz, saúde, bem-estar.
Vinculação	3,7 e 8	Trabalho, convivência, luta intensa, colaboração, integração, participação, partilha, socialização, solidariedade, inclusão, coparticipação, cooperação, atividade, melhoria da renda, oportunidade.	Alegria, ajuda integração, incorporação, inserção, maturidade, pertença, realização, utilidade, esperança, segurança, inteireza.
Anseio	4 e 13	Sucesso, fila, desvantagem, complicação, desafio, determinação, criatividade, dedicação, sucesso, desempenho, exclusão, competitivo, desafio.	Alegria, amor, sonho realização, fortaleza, aceitação, provação, exclusão, vontade de ser útil, vontade de servir, vontade deabençoar, habilitação.
Desafios	2 e 11	Sorte, preconceito, competitividade, dificuldade, possibilidade, obstáculos.	Alegria, satisfação, tranquilidade, realização, serenidade, esperança, frustração, determinação, ansiedade, disposição, alegria, amor ao trabalho, realização, motivação.
Possibilidades	5 e 10	Horizonte aberto, profissionalismo, preparação, dinheiro, dificuldade, oportunidade, experiência, concorrência, desafio, abundância, processo, preferência por idosos, fidelidade, sustento dos vícios.	Alegria, boa perspectiva, esperança, abundância, processo, liberdade, motivação.

Nota. Fonte: Modelo Recuperado de “*Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*”, de Z.A.C. Bomfim, 2010, pp. 159-160.

*N = número do participante

A categoria que apareceu com maior percentual foi a de pertencimento (30,77%), que se relaciona aos sentimentos positivos de pertença e à sensação de autoestima elevada dos participantes. A segunda categoria mais representada foi a de vinculação (23,07 %), que se associa à importância que os participantes dão às relações estabelecidas com outras pessoas no contexto do trabalho. As demais categorias apresentaram o mesmo percentual (15,38%). A imagem anseio está relacionada a sentimentos positivos frente à própria inserção no mercado de trabalho, porém com um olhar mais negativo diante da inserção dos idosos no geral. A categoria possibilidades está relacionada com os diversos caminhos que podem se apresentar para os idosos no mercado de trabalho. E, por último, a categoria desafios, que está relacionada a uma visão mais negativa e desafiadora da inserção do idoso no mercado de trabalho.

O trabalho ao longo da vida do ser humano

O trabalho representa parte fundamental da vida dos seres humanos, pois através dele o sujeito supre várias necessidades de sua vida, que perpassam por questões de sustento pessoal ou familiar, conquistas pessoais e materiais, acesso a bens, serviços e consumo, relações interpessoais e subjetivas, entre outras diversas demandas humanas. Nesse contexto, o sentido que o indivíduo dá ao trabalho está vinculado à maneira como ele percebe a própria experiência, bem como às crenças que possui acerca da influência que o trabalho exerce em sua vida, cenário esse que se relaciona com a identidade da pessoa e com o contexto social em que o sujeito está inserido (Boas, & Morin, 2017).

Além disso, o modo como a pessoa vivencia, sente e se relaciona em diferentes contextos pode afetar e influenciar sua relação com o seu ambiente (Pinheiro, & Bomfim, 2009). Durante sua trajetória de vida, o sujeito está inserido em um contexto social perpassado por diversos modelos culturais e sociais, sendo afetado e influenciado por ele. O que é experimentado e vivenciado pelo ser humano durante a sua história pode ser absorvido de tal forma que ele chega à maturidade permeado de representações sociais relacionadas ao processo de envelhecimento (Teixeira, Marinho, Cintra-Junior, & Martins, 2015).

Diversas situações positivas e negativas podem ser enfrentadas nesse período e influenciar na forma como o sujeito se percebe, fazendo-o visualizar a velhice como algo negativo a ser rejeitado, ou observá-la de forma mais positiva, como uma fase inerente à condição humana.

Desse modo, a vida profissional das pessoas possui vários elementos que impactam sua vida de forma sistêmica. Muitos participantes relatam que estar inserido no ambiente do trabalho é algo que gera sentimentos de realização, renovação e felicidade e, nesse cenário, não visualizam a velhice como um obstáculo, ou como algo visto socialmente como um problema. A imagem pertencimento apresenta uma ambiência do mercado de trabalho sentida de forma positiva, em que estar inserido nesse contexto possibilita uma autoestima elevada, a convivência entre os pares, a sensação de ser útil, bem como a segurança de poder sustentar a si e a família. Verifica-se que os “sentimentos agradáveis e de pertencimento geram uma estima potencializadora, o que permite o desenvolvimento de relações comunitárias e o sentimento de bem-estar” (Bomfim 2015, pp. 381-382), todos relacionados à subjetividade de cada um.

O envelhecimento e as relações interpessoais

As relações interpessoais são marcantes no processo de envelhecer e contribuem para a qualidade de vida (QV) do idoso no contexto do trabalho, influenciando a maneira como o idoso encara seu envelhecimento. A qualidade de vida compreende um construto complexo, multidimensional e afetado por vários fatores. Vincula-se à percepção subjetiva do sujeito e aos diversos aspectos que envolvem o seu cotidiano, tais como bem-estar, satisfação pessoal, papéis que desenvolve na sociedade, habilidades, capacidade e independência (Brandão, & Zatt, 2015). Por isso, para entender a qualidade de vida da população idosa, necessita-se conhecer os múltiplos contextos, ambientes e realidades em que essas pessoas se inserem (Dias, Carvalho, & Araújo, 2013).

Os participantes que se enquadraram nessa categoria relacionaram o mercado de trabalho à sensação de sentirem-se pessoas que colaboram e se integram ao meio.

Nesta perspectiva, há um conceito fundamental trazido por Moser (1998), que discute sobre a importância da relação e das inter-relações da pessoa com o ambiente, conhecido como Psicologia Ambiental, a qual não se limita somente ao espaço físico, mas aborda também a vinculação estabelecida entre as pessoas e tudo o que surge como representação disso (Siebra, Bomfim, Sousa, Oliveira, & Soares, 2015).

No contexto do trabalho, as vinculações estabelecidas são importantes e proporcionam trocas profissionais e afetivas entre as pessoas que fazem parte desse espaço. Além disso, os resultados do estudo apontam que os idosos percebem a universidade também como um espaço que contribui para a construção de vínculos e, nessa dinâmica, se sentem mais seguros para enfrentar as dificuldades que virão ou que já estão presentes, relativas ao mercado de trabalho. Para a pessoa idosa, sentir-se integrante de um contexto é importante para a sua autoestima, assim como sentir-se ativo e produtivo (Souza, Matias, & Brêtas, 2010).

Dessa forma, a sensação de inclusão e coparticipação tende a levar o idoso a ter uma maior autoestima do que aqueles que não têm acesso a uma situação de vida favorável ao desenvolvimento de suas potencialidades (Couto, Koller, Novo, & Sanches-Soares, 2009). As relações interpessoais, quando bem estabelecidas, geram sentimentos de segurança, inclusão e cooperação, possibilitando que o idoso inserido no mercado de trabalho se sinta valorizado e, conseqüentemente, tenha uma percepção mais positiva acerca da sua QV. Por isso, as relações sociais e o suporte social podem representar uma rede de apoio emocional, favorecer significativamente a satisfação pessoal diante do envelhecimento, e possibilitar uma maior qualidade de vida.

O desejo de trabalhar na velhice

Para a pessoa que se dedica a uma graduação, o futuro emprego passa a ser uma promessa de mudanças positivas em sua vida, envolvendo muitas expectativas, como uma boa fonte de renda e momentos de realizações (Teixeira, & Gomes, 2004). Essa é uma tendência deduzida dos resultados da pesquisa, observando-se expectativas de muitos participantes frente à própria inserção no mercado de trabalho, revelando visão favorável de futuro.

Este fenômeno, por sua vez, induz a novas discussões acerca do planejamento e da ocupação profissional para pessoas que se inserem ou se reinserem no mercado laboral, seja pós-aposentadoria, ou após a descoberta de novas carreiras profissionais. Importa problematizar que, em nossa cultura capitalista, ao mesmo tempo em que se atribui um alto valor ao trabalho, não se geram oportunidades de emprego capazes de abarcar as demandas de todos aqueles que procuram por trabalho (Furlani, & Bomfim, 2010).

A concorrência representa uma realidade para todos que desejam trabalhar, independentemente da idade. No entanto, a economia capitalista considera a mão de obra jovem mais adequada para as demandas de mercado, pois consideram os idosos como sujeitos que estão se encaminhando para a aposentadoria; portanto, já não são mais tão produtivos (Paolini, 2016). Mesmo que o mercado ainda não esteja pronto para absorver a mão de obra idosa, e que a escassez de trabalho possa ser responsável pela queda na qualidade de vida do sujeito na velhice (Pinheiro, Ribeiro, & Souto, 2016), ainda se percebe a importância que os participantes da pesquisa atribuem a este espaço e ao sonho de se realizarem profissionalmente. Mesmo diante de tantos desafios, reverberam-se forças e afetos impulsionadores para a trajetória e o anseio de ter o sonho profissional realizado.

Dessa forma, de acordo com os resultados, depreende-se que os idosos possuem expectativas positivas em relação ao mercado de trabalho, mesmo quando comparados aos mais jovens, e ainda considerando que a concorrência por um emprego seja intensa e desleal devido ao preconceito contra a idade. No entanto, os entrevistados consideram que, com muita força e determinação, é possível atingir seus objetivos e obter sucesso profissional.

Atualmente, novas perspectivas se apresentam, observando-se um aumento, mesmo que pequeno, na absorção da mão de obra idosa (Verdélío, 2018), tornando as possibilidades mais perceptíveis para aqueles sujeitos que precisam ou desejam se inserir no mercado de trabalho.

Importa desenvolver uma dinâmica que favoreça e enriqueça as trocas geracionais, para que o envelhecimento seja visualizado como algo natural e, dessa forma, possibilitar uma maior inclusão do idoso na sociedade como um todo (Paolini, 2016).

Preconceito etário e o ambiente de trabalho

Com a mudança do perfil demográfico do mundo, em que a população idosa cresce em níveis acelerados, o mercado de trabalho fica cada vez mais concorrido e pessoas jovens e idosas disputam vagas no mundo profissional. A concorrência é intensa para todas as idades, mas, somada ao preconceito etário, dificulta ainda mais o processo de inserção do idoso no mundo do trabalho (Gontijo, Faria, & Silva, 2009). Exemplo disso é o que ocorre em alguns espaços de trabalho, quando a mão de obra com idade mais avançada, em muitas situações, não se emprega nem é sugerida para um cargo melhor, por ser considerada menos capaz para exercer o trabalho com competência e celeridade (Goldani, 2010). Como afirma Castro (2016, pp. 88-89), “ao se envelhecer, é como se fosse ultrapassado o prazo aceitável de validade e, assim, a experiência vivida estaria desatualizada, obsoleta, incompatível”.

Durante a trajetória de vida, o sujeito está imerso em um contexto social atravessado por diversos modelos culturais e sociais, sendo afetado e influenciado por eles. Tudo o que é experimentado e vivenciado pelo ser humano durante a sua história pode ser absorvido de forma que ele chega à maturidade permeado de representações sociais relacionadas ao processo de envelhecimento (Teixeira, *et al.*, 2015). Situações positivas e negativas podem ser enfrentadas nesse período e influenciam na forma como o sujeito se percebe, podendo visualizar a velhice como algo negativo e que deve ser rejeitada, ou podendo interpretá-la de forma mais positiva, como uma fase inerente da condição humana.

Muitas pessoas vivenciam uma realidade que distancia os idosos do contexto do trabalho, pois observam a velhice com um sentido mais negativo, associando-a a declínios corporais, cognitivos e psíquicos (Castro, 2016). Contudo, a experiência do envelhecimento pode ser ressignificada de modo dinâmico, e os novos espaços ocupados por pessoas idosas, como a universidade e a ambiência do mercado de trabalho, podem ser geradores de situações potencializadoras de adaptação e positividade.

Na categoria desafios, encontra-se uma visão mais negativa sobre o mercado de trabalho, sobressaindo-se os preconceitos com relação aos idosos e as dificuldades de se reinserir ou permanecer em espaços relevantes e imbuídos de sentidos e afetividades. Apesar dos reveses elencados, contudo, sentimentos positivos, tais como esperança, motivação e disposição, surgiram com relação a esse ambiente.

Assim, percebe-se que a inserção do idoso no mercado de trabalho, embora desafiadora e permeada de preconceitos, pode gerar sentimentos de realização e felicidade na trajetória do sujeito. Dessa forma, os desafios que atingem a vivência da velhice, podem influenciar na alteração de motivações e sentimentos frente às novas conquistas.

Um horizonte aberto de possibilidades

Diante do fenômeno do maior prolongamento da vida, faz-se necessária uma revisão sob as perspectivas culturais, econômicas e psicológicas acerca da velhice. É preciso pensar no idoso não somente como o indivíduo sem perspectivas, mas sobretudo como sujeito ativo que se inclui de forma ajustada na sociedade em que vive (Gontijo, *et al.*, 2009) e que pode ter objetivos de permanecer ou se incluir no mercado de trabalho.

Na categoria possibilidades, observamos a presença de sentimentos e emoções mais positivas quando relacionadas à ambiência do mercado de trabalho, pois dele participam elementos que se relacionam com a perspectiva de um futuro profissional mais otimista, abundante e libertador, repleto de possibilidades e caminhos diferentes. A inserção no mercado de trabalho constitui um dos múltiplos processos subjetivos e contextuais que envolvem a percepção dos idosos universitários acerca do futuro profissional. Desse modo, o sujeito analisa a sua própria vida e revela o quanto se encontra satisfeito com ela, levando em consideração sua subjetividade e sua vivência.

Nesse cenário, vale observar que a forma como o idoso enxerga a própria vida pode ser diferente do modo como a sociedade percebe a velhice (Fernandes-Eloi, 2017). Ainda que o envelhecimento seja um processo intrínseco dos seres vivos, a experiência desse fenômeno é única para cada idoso, pois sofre interferência de diferentes aspectos da vida do sujeito e do contexto em que ele se insere, tais como: as dimensões pessoais e cotidianas, os aspectos biopsicossociais, históricos e culturais, os fatores políticos e econômicos (Faller, Teston, & Marcon, 2015).

Assim sendo, a satisfação pessoal resulta do que se espera da vida e do que realmente foi alcançado, com base em critérios subjetivos e sionormativos, sob a influência de aspectos positivos ou negativos (Mantovani, Lucca, & Neri, 2016), o que torna o sujeito a principal referência para avaliar sua vida e as diversas possibilidades de escolha que pode alcançar nesse processo.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, ao analisar-se a inserção do idoso no mercado de trabalho, procurou-se mostrar que sentimentos e emoções foram reveladores na construção da subjetividade na velhice, utilizando-se a afetividade para desvelar conteúdos subjetivos e importantes para a compreensão deste fenômeno.

A ambiência do mercado de trabalho pode afetar a realidade dos idosos. Os resultados da pesquisa possibilitaram identificar a forma como a pessoa se sente e se percebe nesse ambiente, permeada por diversos aspectos biopsicossociais. Verifica-se que a vivência do envelhecimento tem sido potencializada nos diversos espaços de inserção. Contudo, percebe-se que a velhice ainda é estigmatizada, pois a sociedade alimenta uma visão distorcida e muitas vezes preconceituosa do que seja essa fase da vida (Teixeira, *et al.*, 2015).

As relações interpessoais são importantes para a qualidade de vida pessoal e profissional dos idosos. As vinculações estabelecidas durante a trajetória de vida de uma pessoa influenciam nos sentimentos e emoções, interferindo inclusive, nas representações que o sujeito estabelece sobre determinado ambiente (Siebra, *et al.*, 2015). No estabelecimento dessas relações com diferentes pessoas, bem como em diferentes contextos, o idoso pode ser impactado pela percepção, positiva ou negativa, que a sociedade tem acerca do envelhecimento e da inserção do idoso no mundo do trabalho. Desse modo, as experiências de vida influenciam nas representações e percepções construídas pelos idosos sobre o próprio envelhecimento (Teixeira, *et al.*, 2015).

A grande concorrência é problematizada no mundo capitalista. As oportunidades de emprego não dão conta da realidade que se apresenta, de tal modo que os idosos enfrentam uma enorme competição com pessoas de outras faixas etárias. E, quando acrescido do preconceito etário, essa situação se intensifica, prejudicando a absorção da mão de obra idosa pelo mercado de trabalho (Gontijo, *et al.*, 2009).

Apesar do contexto mercadológico e capitalista que pode impactar o sujeito de forma negativa, percebe-se que os idosos acreditam possuir boas chances em relação à ambiência do mercado de trabalho, ao atribuir importância e ao relacionar diversos afetos com esse espaço. Por isso, nota-se a relevância de dar voz aos sujeitos idosos, valorizando a sua compreensão acerca da própria vida e os desafios que eles enfrentam no dia a dia, promovendo-se conhecimentos que possam auxiliar no desvelar de diversos fenômenos (Faller, *et al.*, 2015).

Observa-se que a pesquisa foi realizada com estudantes universitários, que concluem o curso mais capacitados para encarar os desafios do mercado de trabalho; desse modo, percebe-se que pode haver uma qualificação das respostas dos participantes que concebem a inserção do idoso no mundo laboral a partir de uma perspectiva mais positiva. Sugere-se pesquisas com idosos inseridos em outros contextos, com diferentes níveis de escolaridade e diversas realidades sócio econômicas. Faz-se necessário, assim, observar o idoso como sujeito produtivo e ativo na sociedade em que vive, pois constituirá, futuramente, uma grande parcela da população mundial, tornando-se fundamental que a sociedade proporcione aos integrantes dessa faixa etária a oportunidade de ter uma vida digna em todos os aspectos biopsicossociais e um tratamento justo e igualitário (Gontijo, *et al.*, 2009).

No mundo globalizado, regido pelo capitalismo, os trabalhadores idosos encontram-se, via de regra, desprivilegiados nas relações de trabalho, problema relevante que precisa ser amplamente discutido e solucionado, objetivando a diminuição da discriminação, que acarreta vulnerabilidade e exclusão social, sendo necessário facilitar a reinserção e a permanência desse público no mercado de trabalho (Paolini 2016; Pereira, 2019). Nesse sentido, a presente pesquisa provocou reflexões sobre como a sociedade, com a sua representação da velhice e do envelhecimento, está contribuindo nos afetos sentidos pelos idosos relativamente à própria inserção no mercado de trabalho. Por isso, percebe-se a importância de desenvolver políticas públicas que possibilitem proteger o idoso, um cidadão já amparado por lei – Estatuto do Idoso, já referido anteriormente - pois se trata de um indivíduo inserido na sociedade, que muitas vezes deseja se manter ativo e produtivo. Essas políticas públicas deveriam melhorar, de forma positiva, na qualidade de vida dessas pessoas, assegurando-lhes o direito à vida com dignidade, à saúde, à alimentação, à cidadania, à convivência familiar e comunitária, entre outros direitos previstos legalmente no Brasil. Cabe também ao governo elaborar, aprovar e fazer cumprir políticas públicas de incentivo às instituições públicas e privadas para disponibilização de postos de trabalho para a mão de obra mais experiente, possibilitando a essa população viver a velhice com autonomia, livre de preconceitos, sentindo-se incluído e participativo em todas as esferas da sociedade.

Referências

- Araújo, L., Sá, E. C. do N., & Amaral, E. de B. (2011). Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 31(3). Recuperado em 25 de maio, 2019, de: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n3/v31n3a04>.
- Augusto, D. M., Feitosa, M. Z. de S., & Bomfim, Z. A. C. (2016). A utilização dos mapas afetivos como possibilidade de leitura do território no CRAS. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 7(1), 145-158. Recuperado em 24 de maio, 2019, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100009&lng=pt&tlng=p.
- Brasil. (2003). *Lei n.º 10.741. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Recuperado em 24 de março, 2018, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm.
- Boas, A. A. V., & Morin, E. M. (2017). Qualidade de Vida no Trabalho: um modelo sistêmico de análise. *Revista Administração em Diálogo*, 19(2), 62-90. Recuperado em 28 maio, 2019 de: <https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/31720/22838>. (doi: <https://doi.org/10.20946/rad.v19i2.31720>).
- Bomfim, Z. A. C. (2010). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Fortaleza, CE: Edições UFC.
- Bomfim, Z. A. C. (2015). Afetividade como potência de ação para enfrentamento das vulnerabilidades. *A Psicologia Social e os atuais desafios éticopolíticos no Brasil*. Porto Alegre: ABRAPSO, 375-389. Recuperado em 25 março, 2018, de: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20211/1/2015_capliv_zacbombomfim.pdf.
- Bomfim, Z. A. C. (2008). Afetividade e Ambiente Urbano: Uma Proposta Metodológica pelos Mapas Afetivos. In: Pinheiro, J. Q., & Günther, H. (Eds.). *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 253-280). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Brandão, V. C., & Zatt, G. B. (2015). Percepção de idosos, moradores de uma instituição de longa permanência de um município do interior do Rio Grande do Sul, sobre a qualidade de vida. *Altheia*, 46, 90-102. Recuperado em 25 março, 2018, de: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3234/2383>.
- Castro, G. G. (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia*, 31, 79-91. Recuperado em 25 março, 2018 de: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n31/1982-2553-gal-31-0079.pdf>. (doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120675>).
- Couto, M. C. P. de P., Koller, S. H., Novo, R., & Sanchez-Soares, P. (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro-ageísmo. Brasília, DF: *Psicologia: teoria e pesquisa*, 25(4), 509-518. Recuperado em 25 março, 2019, de: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20915/000732743.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Dias, D. da S. G., Carvalho, C. da S., & Araújo, C. V. de. (2013). Comparação da percepção subjetiva de qualidade de vida e bem-estar de idosos que vivem sozinhos, com a família e institucionalizados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(1), 127-138. Recuperado em 25 março, 2018 de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232013000100013&script=sci_arttext (doi: 10.1590/S1809-98232013000100013).
- Fernandes-Eloi, J., Dias, M. D. F., Nunes, T. R. T., & Silva, A. M. de S. (2019). Afetos e percepções de idosos universitários acerca do mercado de trabalho na velhice. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(1), 249-271. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

- Faller J. W., Teston E. F., Marcon S. S. (2015). A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. *Texto & Contexto Enfermagem*, 24(1). Recuperado em 25 maio, 2019, de: http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00128.pdf.
- Fechine, B. R. A., & Trompieri, N. (2012). O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *Revista Científica Internacional*, 1(20), 106-194. Recuperado em 25 março, 2018. de: <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/196/194>. (doi: <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2007>).
- Fernandes-Eloi, J. (2017). Homofobia Internalizada, Satisfação Corporal, Satisfação Sexual e Envelhecimento de Mulheres Lésbicas no Brasil. Tese de doutorado em Psicologia. Universidade de Fortaleza.
- Furlani, D. D. (2007). *Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. Recuperado em 25 março, 2018, de: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6784/1/2007-DIS-DDFURLANI.pdf>.
- Furlani, D. D., & Bomfim, Z. A. C. (2010). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 50-59. Recuperado em 25 março, 2018 de: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a07>.
- Goldani, A. M. (2010). Desafios do “preconceito etário” no Brasil. Campinas, SP: *Educação & Sociedade*, 31(111), 411-434. Recuperado em 25 março, 2018 de: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a07.pdf>.
- Goldenberg, M. (2008). Como estarão a sexualidade e o corpo no futuro? In: Goldemberg, M. (Org.). *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*, 45-57. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Gontijo, A. M., Faria, D. S., & Silva, E. B. T. (2010). Inserção do idoso no mercado de trabalho: uma inclusão social. *Psicologia.pt*. Recuperado em 25 março, 2018, de: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0213.pdf>.
- Lima, E. R. de (2014). *A participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do setor de turismo do Distrito Federal: possibilidades e limites*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Recuperado em 25 março, 2018, de: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18571/1/2014_ElmarRodriguesdeLima.pdf.
- Mantovani, E. P., Lucca, S. R. de, & Neri, A. L. (2016). Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(2), 203-222. Recuperado em 25 março, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n2/1809-9823-rbgg-19-02-00203.pdf>. (doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150041>).
- Minó, N. M., & Mello, R. M. A. V. D. (2019). A velhice nas imagens e vídeos divulgados no Facebook: Pedagogias culturais na formação do pensamento coletivo. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, 9(1), 67-78. Recuperado em 25 março, 2019, de: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/view/3426/2440>.
- Moser, G. (1998). Psicologia ambiental. Natal, RGN: *Estudos de Psicologia*, 3(1), 121-130. Recuperado em 25 março, 2018, de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1998000100008&script=sci_arttext (doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X199800010000>).

- Organização Pan-Americana de Saúde. (2018). Folha informativa: envelhecimento e saúde. Brasil. Recuperado em 28 março, 2019, de: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5661:folha-informativa-envelhecimento-e-saude&Itemid=820.
- Paolini, K. S. (2016). Desafio da inclusão do idoso no mercado de trabalho. *Rev Bras Med Trab.* 14(2), 177-182. Recuperado em 25 março, 2019, de: http://www.anamt.org.br/site/upload_arquivos/revista_brasileira_de_medicina_do_trabalho_volum_14_nº_2_3182016857167055475.pdf#page=104.
- Paradella, R. (2018). Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. *Agência IBGE Notícias.* Recuperado em 23 de março, 2019, de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>.
- Pereira, C. (2019). Políticas de Cuidados na Velhice. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(1), 33-40. Recuperado em 23 de março, 2019, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/42923-121988-1-SM%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/42923-121988-1-SM%20(2).pdf).
- Pinheiro, G. R., & Bomfim, Z. A. C. (2009). Afetividade na relação paciente e ambiente hospitalar. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 9(1), 45-74. Recuperado em 25 março, 2018, de: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1613/3605>.
- Pinheiro, A. F. S., Ribeiro, D. de J., & Souto, I. F. de Q. (2016). Inserção do idoso no mercado de trabalho. *Humanidades*, 5(1). Recuperado em 25 de março, 2019, de: http://www.revistahumanidades.com.br/arquivos_up/artigos/a90.pdf.
- Ramos, E. L., Souza, N. V. D. de O., & Caldas, C. P. (2008). Qualidade de vida do idoso trabalhador. *Rev. Enferm. UERJ*, 16(4), 507-511. Recuperado em 25 de maio, 2019 de: <http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a09.pdf>.
- Siebra, L. M. G., Bomfim, Z. A. C., Sousa, L. C. A., Oliveira, M. F., & Soares, M. R. (2015). Metodologias De Investigação-Ação Em Psicologia Ambiental. *Extensão em Ação*, 1(8), 42-55. Recuperado em 25 novembro, 2017, de: <http://www.periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/3876/3068> (doi: <http://dx.doi.org/10.32356/exta.v1.n8.3876>).
- Souza, R. F. D., Matias, H. A., & Brêtas, A. C. P. (2010). Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 2835-2843. Recuperado em 25 março, 2018, de: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232010000600021&script=sci_arttext&tlng=pt.
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2004). Estou me formando... e agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 47-62. Recuperado em 25 novembro, 2017, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100005.
- Teixeira, S. M. de O., Marinho, F. X. S., Cintra-Junior, D. de F., & Martins, J. C. de O. (2015). Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade. Porto Alegre, RS: *Estud. Interdiscipl. Envelhec.*, 20(2), 503-515. Recuperado em 25 março, 2018, de: <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/45346/35454>.

Veras, R. P., & Oliveira, M. (2018). Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 1929-1936. Recuperado em 25 março, 2019, de: [https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n6/1929-1936/pt/\(doi:https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04722018\)](https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n6/1929-1936/pt/(doi:https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04722018)).

Verdélío, A. (2018). Idosos estão adiando cada vez mais saída do mercado de trabalho. *Agência Brasil*. Recuperado em 23 março, 2019, de: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-10/idosos-estao-adiando-cada-vez-mais-saida-do-mercado-de-trabalho>.

Recebido em 15/06/2018

Aceito em 30/12/2018

Juliana Fernandes-Eloi – Doutora em Psicologia, Universidade de Fortaleza, UNIFOR. Mestre e Graduada em Psicologia, UNIFOR. Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual do Ceará, UECE. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Formações Clínicas em Gestalt-Terapia, Instituto de Gestalt do Ceará, IGC e Formação em Psicologia Fenomenológica Existencial (ACP e Gestalt), Escola de Psicologia e Psicoterapias Fenomenológicas Existenciais. Atualmente é Professora da Graduação em Psicologia, Centro Universitário Estácio do Ceará, e da Graduação em Psicologia, Centro Universitário Christus. Supervisora do Núcleo de Poio Psicopedagógico, NAP Estácio do Ceará, Campus Centro. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Psicologia, Gênero e Política, NUPEX, Estácio do Ceará.

E-mail: julianafernandeseloi@gmail.com

Marina Duarte Ferreira Dias - Psicóloga, Centro Universitário Estácio do Ceará. Especialista em Saúde Mental, Centro Universitário Estácio do Ceará.

E-mail: marinaduartedias@yahoo.com.br

Tainara Rodrigues Teixeira Nunes - Psicóloga, Especialista em Saúde Mental, Centro Universitário Estácio do Ceará.

E-mail: tainararodriguestn@hotmail.com

Angélica Maria de Sousa Silva - Psicóloga, Mestranda em Psicologia, Universidade de Fortaleza, UNIFOR.

E-mail: angelica.psi.silva@gmail.com